

Escola Técnica Estadual Parque Da Juventude

Técnico em Administração

Letícia Gomes Bettio

O desemprego (des)configurando a realidade da juventude mundial.

Professora Veridiana Ferreira – Orientadora

São Paulo

2017

1.0 Introdução

Não é recente a situação do desemprego enfrentado pela população mundial. É notório também que tal situação já atinge aspectos alarmantes em determinadas nações. Dicotomicamente o emprego, assim como o desemprego são consequências do capitalismo.

O economista John Garry define que desemprego é a “[...] condição da pessoa em algum meio aceitável de ganhar a vida [...]” e, neste ponto, mesmo com boa vontade para trabalhar não consegue uma atuação e meio de conseguir remuneração por ela. (REINERT, 2001)

Todos são alvos do desemprego. Ele é um índice cruel que não possui qualquer tipo de preconceito atingindo a todos, jovens e adultos, e também aqueles que já se aposentaram, mas continuam necessitando da renda do emprego. A taxa de desemprego dos jovens brasileiros está em 24,1%, enquanto que a taxa que permeia os jovens do mundo, 13%.

O propósito desse ensaio é analisar os motivos de desemprego dos jovens, procurando identificar por meio de referências bibliográficas e contextualizações históricas se os motivos de desemprego dos jovens no Brasil são similares aos encontrados pelos jovens no resto do mundo. Para tanto, analisaremos a história da crise econômica de 2008, abordando seu estopim e reflexos na economia dos países.

Esse trabalho está dividido em dois tópicos que se subdividem outros seis. Assim, serão abordados os temas desemprego, desemprego dos jovens, e por fim, a consideração final deste ensaio.

2.0 Desenvolvimento

Nesta seção apresentaremos sobre a crise de 2008, o Brasil e a crise de 2008, desemprego no mundo, e desemprego dos jovens no mundo.

2.1 A Crise de 2008

O principal marco registrado na história da economia internacional pode ser atribuído a crise econômica de 2008, onde uma das maiores potências mundiais, se viu em meio a uma crise financeira, conseqüentemente atingindo outros países, sendo estes emergentes, desenvolvidos e subdesenvolvidos, e dentre estes, o Brasil.

Os Estados Unidos possuía duas grandes empresas que tinham uma grande especulação em relação ao mercado imobiliário, a *Federal National Mortgage Association*, mais conhecida como Fannie Mae e a *Federal Home Loan Mortgage Corporation*, reconhecida como Freddie Mac, que compravam empréstimos dos bancos, e recebiam grande parte do dinheiro do Banco Central que era desviado ao setor mobiliário (CINTRA, 2008). A proposta deveria ter funcionado com os clientes pagando os empréstimos, para que as empresas continuassem pagando as hipotecas, todavia não foi o que ocorreu, a Fannie e Freddie passaram a ter prejuízos por não receberem seus pagamentos, ou seja, passaram a receber os populares “calotes” que indagaram a grande crise (GONTIJO, 2008).

As empresas tinham como principais clientes de venda, bancos europeus que compravam imóveis tendo em vista a avaliação feita pelas agências, como Moody's, Fitch e Standard & Poor's, comandadas pelo governo americano, que deram classificação máxima (AAA) para os ativos, sendo estas falsas classificações em meio à crise pela qual se deparavam, indagando uma suposição por tal ato incorreto das agências (GONTIJO, 2008).

As empresas européias vendo as boas classificações atribuídas aos imóveis passaram a investir nestes, pensando que ao realizar o ato da compra, teriam bons ativos, porém os bens adquiridos viriam também com ativos ruins sem

que os compradores tivessem a consciência disso. O auge da crise foi quando o banco francês BNP Paribas anunciou que estava suspendendo saques em dois dos seus fundos que haviam investido em títulos de hipotecas americanas, conseguinte, afetando o banco britânico Northern Rock, que dependia exatamente destes fundos, e encontrando-se sem montante recorreu ao banco da Inglaterra que alertou a todos sobre crise. A partir destes ocorridos os bancos americanos passaram a ser nacionalizados, e o banco Lehman Brothers a anunciar sua falência (CAGNIN, 2009).

Essa crise pode ser considerada parte do capitalismo neoliberal, que foi implantado em 1970, e não apenas uma desregulação financeira que trouxe grandes impactos. Entre 1950 e 1973, economias capitalistas poderiam ser classificadas como equalitárias, pelo fato de que a população vivia em uma igualdade devido ao equilíbrio entre as famílias em relação á distribuição pessoal e funcional de renda, onde as consequências eram uma forte expansão da demanda agregada e a taxa de desemprego era inferior a 4%. Após a eleição de Margareth Thatcher no Reino Unido e Ronald Reagan nos Estados Unidos, as políticas econômicas nos países desenvolvidos foram se tornando inferior pelos motes da desregulação, privatização e redução de impostos. O resultado disso tudo foi á oposição financeira, pois houve o crescimento na desigualdade na distribuição funcional e pessoal da renda, á medida que os salários passaram a crescer tardiamente em relação á produtividade do trabalho e o sistema tributário, enquanto que em vários países, houve o ritmo acelerado de crescimento. Analisando desde então a situação das famílias, o crescimento de endividamento para com gastos foi expandido radicalmente, sendo este um grande contribuinte, sendo até mesmo a principal causa da crise, que vem se prolongando desde anos anteriores.

2.2 Os impactos da crise mundial no Brasil

A crise não atingiu o Brasil instantaneamente, os impactos foram sentidos em primeira instância no setor industrial. Isso ocorreu pelo fato do dólar que permanecia em alta, desvalorizar o real, fazendo com que as empresas não

conseguissem créditos internacionais, atingindo as exportações, que são grandes alicerces da economia brasileira.

Além disso, o consumo de energia também foi impactado já que a diminuição da produção recorre na redução de consumo e, isto impacta diretamente na formação do capital brasileiro.

Com a redução de vendas, algumas indústrias não conseguiram se sustentar, e outras tiveram de reduzir parte de seus funcionários, aumentando fortemente o número de desempregados.

A necessidade de demitir um grande grupo de colaboradores nas organizações criou uma série de processos de seleções. Tais escolhas tomaram por base o grau de escolaridade, menos tempo de serviço e rendimento.

Os jovens foram ainda mais impactados. Além de adentrarem num momento delicado de mercado, ainda não possuíam a capacidade de atender aos mínimos requisitos, tais como, falta de experiência profissional e pouca qualificação.

Diferentemente de 1930, o setor público obteve uma rápida resposta ao ocorrido, entretanto, em meio á catástrofe enfrentada pelos países no ano de 2008, os PIB's e as taxas de desempregos passaram a diminuir nos continentes americanos e europeus. O continente asiático, tendo como destaques a China e Índia, países em desenvolvimentos, entraram em um constante crescimento perante os países desenvolvidos. A economia chinesa cresceu em 9,6% em um ano de recessão, pois o país apostou no consumo interno, e não mais em importações devido às crescentes dividas que se deparavam (MENDONÇA, 2014).

2.3 Desemprego no mundo

No decorrer de dezembro de 2007 até março de 2010, o número total de demissões em massa (com ajuste sazonal) foi de 56.937. A taxa nacional de desemprego foi de 9,7% em março de 2010, a mesma do mês anterior, mas acima dos 8,6% um ano antes (Bureau of Labor Statistics 2010).

O aumento do desemprego se destacou na Grécia (recorde histórico com aumento de 28%), Espanha, Irlanda e Portugal, descendente dos impactos fiscais causados pelas quedas do crescimento e arrecadação, reduzindo a demanda, assim elevando o desemprego (CAMPOS, 2010).

Segundo a Organização Internacional de Trabalho (OIT), os jovens entre 15 e 24 anos são os mais atingidos pelo desemprego, tratando-se de aproximadamente 81 milhões de jovens, sucedendo uma taxa de 13%. O relatório divulgado em maio de 2009 indica que o crescimento de regiões como do Caribe e América Latina, mais precisamente México, Brasil e Colômbia apresentaram um crescimento do desemprego de 6,5%. Estima-se também que 28% dos trabalhadores jovens no mundo, cerca de 152 milhões de pessoas jovens, tinham trabalho, mas se encontravam em situação de extrema pobreza, onde famílias sobreviviam com menos de US\$1,25 por pessoa por dia em 2008.

Os gráficos a seguir nos mostram como algumas políticas tiveram bons resultados, e outras, o oposto:

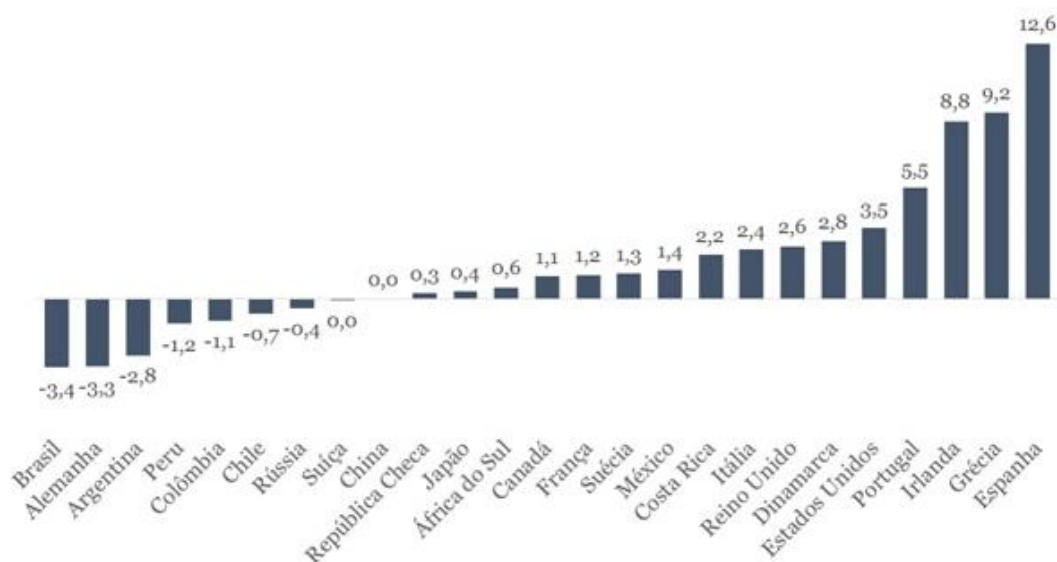


Imagem 1: Diferença das médias da taxa de desemprego de 2009-2013 e 2004-2008 em países selecionados. Valores expressos em pontos percentuais.

Fonte: Brasil Debate a partir de dados do World Economic Outlook (WEO), FMI, 2014.

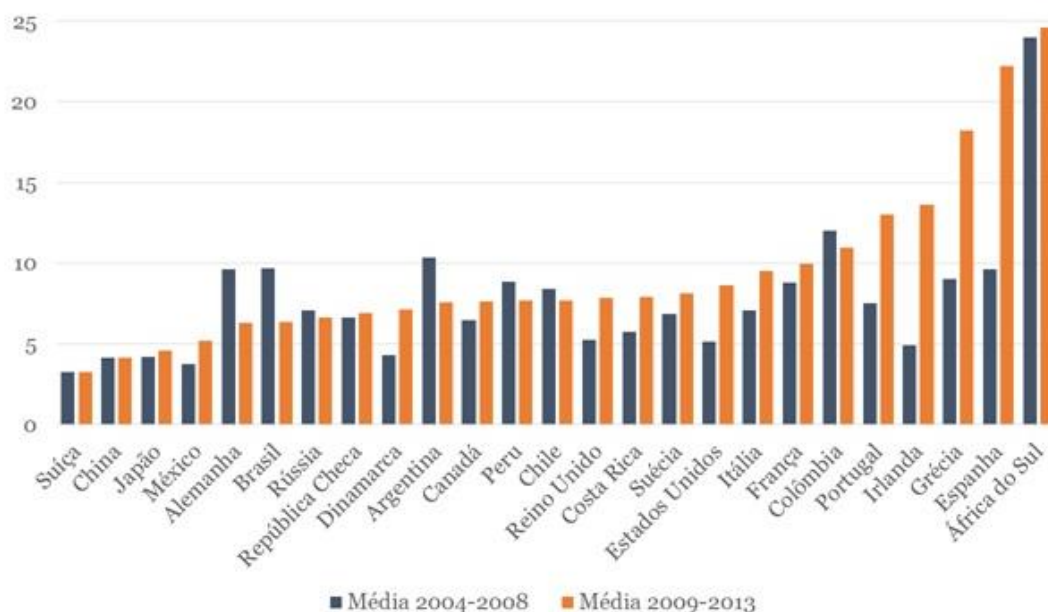


Imagem 2: Taxa de desemprego em países selecionados, média de 2004-2008 e 2009-2013, em pontos percentuais.

Fonte: World Economic Outlook (WEO), Fundo Monetário Internacional (FMI).

Elaboração: Brasil Debate, 2014.

Já em países emergentes, a taxa de desemprego deverá aumentar de 13,3% em 2015 para 13,7% em 2017 (um valor que corresponde a 53,5 milhões de desempregados em 2017 em comparação para 52,9 milhões em 2015). Na América Latina e no Caribe, por exemplo, a taxa de desemprego deverá aumentar de 15,7% em 2015 para 17,1% em 2017; na Ásia Central e Ocidental, de 16,6 para 17,5%; no Sudeste Asiático e no Pacífico, de 12,4 a 13,6% (Cavalcanti, 2017).

Region	Unemployment rate, 2007–17 (percentages)				Unemployed youth, 2015–17 (millions)		
	2007–14	2015	2016	2017	2015	2016	2017
World		12.9	13.1	13.1	70.5	71.0	71.0
Africa							
Northern Africa		29.4	29.3	29.2	3.7	3.7	3.7
Sub-Saharan Africa		10.9	10.9	10.8	11.1	11.3	11.6
Americas							
Latin America and the Caribbean		15.7	16.8	17.1	8.5	9.2	9.3
Northern America		11.8	11.5	11.7	3.0	2.9	2.9
Arab States		30.6	30.6	29.7	2.6	2.7	2.6
Asia							
Eastern Asia		10.6	10.7	10.9	11.9	11.4	11.0
South-Eastern Asia and the Pacific		12.4	13.0	13.6	7.4	7.7	8.0
Southern Asia		10.9	10.9	10.9	13.7	13.8	13.9
Europe and Central Asia							
Central and Western Asia		16.6	17.1	17.5	2.1	2.1	2.2
Eastern Europe		17.1	16.6	16.2	2.0	1.8	1.7
Northern, Southern and Western Europe		20.6	19.7	18.9	4.5	4.3	4.1

Tabela 1: Tendências e projeções de desemprego juvenil até 2017, por região.

Fonte: World Employment and Social Outlook 2016: tendências para a juventude.

No mundo, os países possuem três grandes classificações – desenvolvidos, emergentes e subdesenvolvidos. Os países centrais, mais conhecidos com desenvolvidos, possuem grande tecnologia e influência no cenário político-econômico internacional, possuem PIB de aproximadamente US\$14,7 trilhões, com baixa taxa de desemprego, educação e saúde elevada, de acordo com IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Os emergentes não possuem uma renda exata, que se dá por constantes oscilações, favorecendo a taxa de desemprego. Custos de moradias são bem altos, tanto quanto os impostos a serem pagos, e como recompensa, a saúde e educação vem decaindo aos poucos. Nos países periféricos, ou subdesenvolvidos, o PIB per capita se encontra entre 5 e 8 mil dólares, com o crescimento da taxa de empregabilidade, e assim como os emergentes, são poucos os investimentos nas áreas de educação e saúde devido aos reflexos da economia (ROSSI, 2008).

Com base no relatório “Panorama da Sociedade 2014”, um estudo da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), os jovens são os mais afetados, e em países desenvolvidos como Espanha, Grécia, Estados Unidos, Irlanda, Portugal e Itália, houve o aumento de 7 pontos percentuais entre 2007 e 2013, dobrando o número de desemprego no período

de 5 anos. O secretário-geral da OCDE, Angel Gurría, afirma que “[...] a situação econômica dá sinais de retomada, porém a situação social continua se deteriorando, e essas consequências sociais de perdurarão por anos [...]”. Já se tratando dos países emergentes, a OCDE indaga que “[...] países emergentes resistiram bem à crise, porém o único que não apresenta bons números seria a África do Sul, classificando todos com um ritmo moderado de crescimento econômico e emprego”. Gurría ainda explica “quando jovens são o foco, devem investir na formação e competência, retirando barreiras que pesam sobre a criação de empregos, e destaca que a cada três, um está sem trabalho há 12 meses ou mais”. Além dessa explicação, Raymond Torres, diretor do Departamento de Pesquisa da OIT também argumenta que “O ambiente econômico instável, associado a fluxos de capital voláteis, a mercados financeiros ainda disfuncionais e à escassez de demanda global continuam a afetar empresas e a desencorajar o investimento e a criação de empregos”, resumidamente, com as empresas diminuindo a demanda de cargos e novas oportunidades, os jovens terão uma maior dificuldade à conquista de empregos por não possuírem experiências anteriores, elevando assim, a taxa de desemprego.

Os jovens de 15 a 24 anos constituem uma boa parcela da população ativa mundial, todavia, segundo pesquisas feitas pelo Instituto Polis e o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – IBASE nas grandes metrópoles brasileiras mais o Distrito Federal, quase 60,7 da população juvenil foi atingida pelo desemprego.

A África Subsaariana e países Latinos Americanos registraram entre 2004 e 2007 a maior taxa de desemprego. Países africanos apresentarão uma redução apontada como de longo prazo (WESO, 2015). Mesmo anos depois, segundo o relatório “Perspectivas para o emprego e o social no mundo – Tendências para 2015”, o crescimento do PIB na América Latina em 2014 (e 2015) continuou a ser inferior ao das economias avançadas e o desemprego voltou a crescer em toda a região, em particular nos países mais dependentes das exportações de matérias-primas.

Uma das características perante as sociedades são as análises de desemprego. O fato de estudarmos sobre determinados países e seus fatores, como neste ensaio, torna as pesquisas sobre o desemprego diretamente relacionadas ao índice de pobreza, onde países com grandes taxas de desemprego possuem elevados índices de pobreza.

2.3.1 Fatores que levam ao desemprego

O desemprego decorre por motivos como a baixa qualificação do trabalhador, globalização e os altos custos para empresas contratarem com carteira assinada. Companhias passam exigir mais nos currículos dos funcionários, como cursos e experiências, tendo em vista que estejam sempre atualizadas, mantendo-se em padrões “capitalistas”. Na maioria das vezes a remuneração não é a esperada.

Além de dos elementos mencionados anteriormente, fatores como o desenvolvimento tecnológico, a globalização, a terceirização, a desindustrialização, o excesso de concentração da renda, e modernos métodos de gestão atuam também como colaboradores. Quanto maior o número de desempregados, maiores serão as influências sobre a população, porque os impostos passam a ser aumentados, onde as famílias, possuindo algum membro desempregado ou não, começam a sentir uma sobrecarga em relação aos pagamentos.

Não podemos simplesmente listar fatores que contribuam para novos cargos de empregos, mas sim, analisar e discutir a respeito da história econômica do país, com a consulta economistas que são especialistas sobre.

Para a geração de novos postos de emprego e, para que o país atingisse suas metas, como no caso do Brasil, o governo deve criar estratégias para que suas exportações cresçam, tornando assim, a balança comercial positiva, beneficiando a renda pública, onde o governo poderá investir na criação de novos empregos para jovens entre 15 a 24 anos, que são a maior parte dos desempregados, resultando no aumento do consumo de produtos, e aos poucos a melhoria das taxas observadas, como o índice de pobreza, caracterizando-se como uma das principais (MARINHO, 2003).

Mesmo se colocássemos em prática a sugestão citada no parágrafo anterior, haveria outras medidas ao combate do desemprego, sendo estas – o incentivo ao investimento privado, implementação de políticas fiscais e monetárias adequadas, aumento das despesas públicas (com ampla utilização do Estado como empregador e com o desenvolvimento de políticas sociais do tipo auxílio desemprego), flexibilização do mercado de trabalho, redução da jornada de trabalho, trabalho de tempo parcial, licenças remuneradas, restrição às horas extras, trabalho compartilhado, treinamento e requalificação de recursos humanos – no entanto, essas maneiras não teriam um ponto de equilíbrio em meio toda a população, beneficiariam apenas uma parte, mas traria desvantagens á outra.

2.4 Desemprego de jovens no mundo

Referindo-se aos desdobramentos sociais, mesmo que a taxa de desemprego juvenil seja elevada, há muitos jovens que possuem empregos informais.

Trabalhos informais ao mesmo tempo em que geram lucro, não trazem benefícios, contribuindo para a exclusão social (jovens que não chegaram a completar o ensino fundamental ou são até mesmo analfabetos) e econômica – com salários mais baixos, ambientes não regulamentados, alto risco de trabalho, trabalho socialmente estigmatizados (como separação de resíduos) e a ameaça de formas de controle federal e público. Infelizmente no Brasil há muito empregos informais, onde a maior parte dos jovens com baixa renda acaba os comportando, como ao aceitar propostas de indústrias ilegais, envolvendo tráfico de drogas, a prostituição infantil, contrafação e pirataria, comércio de armas e tráfico humano. Pesquisas confirmam também que o aumento da violência e o crime de maneira geral, são resultados do desemprego, pois ocasiona transtornos na saúde mental do jovem, ou muitas vezes, o mesmo se encontra sem nenhuma solução ao seu redor, optando por uma escolha brutal (TIMBÓ, 2013). Todos esses fatores acabam amparando o índice de pobreza e desigualdade.

Segunda a PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego (SEADE-DIEESE), em São Paulo, a taxa de desemprego dos jovens, em 2014, foi de 23%, logo no ano de 2015, subiu para 28%.

Em Outubro de 2015, a revista “Estudos Avançados” realizou um debate com o tema “desemprego”, e em meio deste, o especialista Anselmo Luís dos Santos, do Cesit-IE-Unicamp reforça que “houve uma redução expressiva do desemprego entre os jovens até 2013, apesar de ele ter se mantido elevado [...] quando a economia desacelera, eles são os primeiros a ficar desempregados; depois, quando a economia se recupera, eles são os últimos a ser incorporados”. Além disso, Lúcia dos Santos Garcia, coordenadora nacional da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese) afirma que “existe um fosso estrutural entre a realidade do jovem da família operária de base (“ diferente da 'aristocracia' operaria, que negocia o PDE”) e o jovem de classe média, "que frequenta escola privada e tem outras perspectivas”.

Jovens que querem ter seu primeiro emprego acabam não concretizando seus sonhos por se depararem com uma realidade diferente. “Os jovens têm a característica de querer testar o mercado [...]a crise econômica do país agravada pela desaceleração da economia mundial piora o indicador, já que a primeira reação das empresas, diante da turbulência, é reduzir as admissões, o que tem impacto direto na mão de obra que está entrando no mercado” (Rodarte, [s.d]).

A economista e membro do Conselho Regional de Economia de Minas Gerais (Corecon-MG) Tania Teixeira lembra que “o trabalho dos jovens é também a ponta mais frágil do mercado, já que essa mão de obra tem rendimentos menores, maior flexibilidade e, ainda, condições piores de trabalho [...] mundialmente, existe uma preocupação com a precarização do trabalho dos jovens, que se agrava em períodos de crescimento do desemprego. Essa precarização impede que eles cresçam, melhorando suas expectativas e colocação no mercado de trabalho.”

2.5 Desemprego no cenário atual

Tratando-se do cenário atual, o desemprego jovem na Europa foi de 18,7% nos 19 países da moeda única e de 16,7% na União Européia, contra 21,0% e 18,8% homólogos e 19,05 e 16,9% de maio respectivamente, enquanto que no Brasil, a porcentagem é de 13,5%, tendo em conta que grandes indústrias

transferiram-se para países asiáticos com o decorrer da crise, diminuindo grandes oportunidades de emprego, e atingindo a economia nacional. Em contrapartida, o desemprego deve diminuir em 2017 nos países desenvolvidos, reduzindo sua taxa de 6,3% para 6,2% (Relatório do Desenvolvimento Humano 2017).

Conforme o relatório anual sobre economia e emprego no mundo divulgado pela OIT das Nações Unidas, em Janeiro de 2017, a economia mundial teve em 2016 o crescimento médio mais baixo em seis anos, e estudos apontam que os números não aumentarão muito conforme os anos.

“Estamos enfrentando um desafio duplo: reparar os danos causados pela crise econômica e social mundial e criar empregos/trabalhos de qualidade para as dezenas de milhões de pessoas que entram no mercado de trabalho a cada ano”, afirmou o diretor-geral da OIT, Guy Ryder.

Na Europa e na América do Norte, o desemprego de longa duração continua elevado em comparação com os níveis pré-crise e, no caso da Europa, continua aumentando apesar da queda das taxas de desemprego. Os países mais afetados serão os emergentes, e de acordo com a lista da OIT, Colômbia, México, Peru, Rússia, Índia e Brasil, encontram-se na lista. Países caribenhos e latinos terão uma taxa de desemprego com alta de 8,1% para 8,4%, superando os países desenvolvidos. A situação do Brasil é considerada uma das piores com a projeção de 13,6 milhões de desempregados, onde a cada três que se encontra nessa situação, um é brasileiro (Organização Internacional do Trabalho).

Consideração Final

Aderindo a proposta apresentada neste ensaio, é possível subtender que o desemprego juvenil no Brasil não é equivalente ao do mundo. Inicialmente se relacionarmos a taxa de desemprego brasileira com qualquer outro país, o Brasil é um dos que possui a taxa mais elevada, e de acordo como o relatório divulgado pela OIT, a América Latina recebeu o pior desempenho a nível mundial devido ao Brasil.

Tanto países europeus como norte-americanos possuem uma taxa de desemprego, porém ao estudarmos a situação como um todo, podemos ver que estes jovens possuem incentivos pelo estudo e a desigualdade social não é tamanha como encontrada no Brasil.

Essa situação pela qual nos deparamos no dia a dia, não será resolvida imediatamente, e nem em médio prazo. Com a reestruturação ou um maior investimento na educação básica, e com incentivos aos jovens para com estudos, irão fazer com que inclusive demonstrem interesse para novos cursos, que colaborará com os currículos a serem montados. O desemprego não é ocasionado devido a apenas um fator, e sim um conjunto destes. Se algumas dessas sugestões fossem colocadas em prática, essas taxas obteriam resultados positivos e o Brasil não seria mais citado e reconhecido como a causa do pior desempenho da América Latina.

Referências Bibliográficas

FURTADO, Adolfo. DESEMPREGO ENTRE JOVENS: SITUAÇÃO DO BRASIL E LIÇÕES DA EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/estudos-e-notas-tecnicas/areas-da-conle/tema7/2016_12418_desemprego-entre-jovens_adolfo-furtado>.

Origem, causas e impactos da crise. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/500801-origem-causas-e-impacto-da-crise>>.

LANTIER, Alex. EUA: Taxa de desemprego é maior em quatro anos. Disponível em: <<https://www.wsws.org/pt/2008/sep2008/por1-s02.shtml>>.

Crise econômica global e o aumento da taxa de desemprego. Disponível em: <<http://brasildebate.com.br/crise-economica-global-e-o-aumento-da-taxa-de-desemprego/>>.

Tendências Globais de Emprego para Juventude. Disponível em: <www.uff.br/observatoriojovem/materia/tendencia-globais-de-emprego-para-juventude-2010-crise-economica-mundial-causou-um-aumento>.

BELLESA, Mauro. As conseqüências do agravamento do desemprego no Brasil. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/desemprego-no-brasil>>.

CASTRO, Marinella. Crise expõe realidade perversa e deixa jovens sem emprego no país. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2015/12/13/internas_economia,716753/crise-expoe-realidade-perversa-e-deixa-jovens-sem-emprego-no-pais.shtml>

REINERT, José. DESEMPREGO: CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES. Disponível em <<file:///C:/Documents%20and%20Settings/MM/Meus%20documentos/Downloads/8065-24311-1-PB.PDF>>.

O desemprego juvenil global está em ascensão novamente. Disponível em: <http://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_513728/lang-en/index.htm>.

OIT estima que desemprego global terá aumento de 3,4 milhões em 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oit-estima-que-desemprego-global-tera-aumento-de-34-milhoes-em-2017/>>.

CASTRO, José. 3 constatações sobre o desemprego no mundo em 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/12/3-constata%C3%A7%C3%B5es-sobre-o-desemprego-no-mundo-em-2017>>

CINTRA, Marcos. A crise financeira e a global shadow banking system. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002008000300002&script=sci_arttext&tIng=pt>.

CAGNIN, Rafael. O ciclo dos imóveis e o crescimento econômico nos Estados Unidos 2002-2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10416/12133>>.

MENDONÇA, Ana Vitória. Impactos da crise financeira de 2008 sobre as economias brasileira e Latino-americana. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/12539>>.

ROSSI, Pedro. A PIRÂMIDE E A ESFINGE: ESTUDO SOBRE A HIERARQUIA DAS DIVISAS, A INTEGRAÇÃO FINANCEIRA DE PAÍSES PERIFÉRICOS E A VOLATILIDADE DE CÂMBIO E JUROS. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/285806/1/Rossi_PedroLinhare_s_M.pdf>.

MARINHO, Luiz. Que fazer para gerar empregos no Brasil?. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300019>.